

CERIMÔNIA - Globo de Ouro, que será realizado neste domingo, premia atores e produções do cinema e da televisão

■ Página 8

Programa

DOMINGO

Editora: Tatiana Meira ■ Subeditora: Priscila dos Santos ■ e-mail: programafolha@gmail.com/ tv@folhape.com.br ■ Telefone: 34255835 - 34255842

Artistas fazem da rua palco para as mais diversas linguagens

Jedson Nobre

A CIDADE VAI ALÉM DOS MARES



Karuna de Paula/ Divulgação

ADELSON BORIS, do Totó, pintou a luta das mulheres negras, na altura do número 1600 da avenida Boa Viagem

PROJETO da Nuvem Produções mobilizou restauro dos postos salva-vidas desativados

GUSTAVO HENRIQUE

A rua está em transformação constante; grande parte dos acontecimentos que edificam esse espaço são acionados pela arte. No Recife, quem compra a briga de fazer arte na rua precisa vencer a marcha da privatização ou do abandono dos espaços de interação cultural, quando não a antiga desunião dos recifenses em polos cada vez mais distantes de direitos básicos e oportunidade de vida. Quando compram este embate, os artistas trazem a rua de volta a si e desenham os principais traços da vivência em uma cidade.

Essa forma de construção social pode ser percebida na avenida Boa Viagem. O projeto "Colorindo o Recife", realizado pela Prefeitura da Cidade em parceria com a Nuvem Produções, convidou seis grafiteiros - entre eles Galo de Souza e JotaZerOff - a restaurar os postos salva-vidas desativados da área, obras da década de 1940 que marcaram a memória afetiva do lugar com o estilo distinto da art déco. "Eu prestava atenção nas obras desde criança, nunca imaginei que iria pintar aqueles postes ali", relembra Adelson Boris, um dos grafiteiros convidados, que também trabalha como ilustrador e arte-educador na Cores do Amanhã, ONG do bairro do Totó.

O posto que Adelson pin-

tou, na altura do número 1600 da avenida, agora representa a estética e a vida de luta das mulheres negras, "pessoas que estão na base da pirâmide social, injustamente destinadas à prisão e a menores salários" - tema com o qual ele trabalha há anos. A inspiração veio da experiência das mulheres de sua família, que tem uma forte estrutura matriarcal. "Enquanto homem negro, entro como um filho que quer registrar a garra delas. Fiquei honrado em poder mostrar pessoas que não se sentem representadas em um lugar como Boa Viagem", explica o artista.

O espírito de renovação do espaço urbano também move o CineRua, cineclubes criado com a intenção de refletir sobre as formas de ocupar, viver e "olhar de maneira menos automática" para a cidade. Em agosto de 2015, no ano do centenário do Teatro do Parque, fechado para reforma desde 2010, o coletivo ocupou a rua do Hospício com a exibição de seis curtas-metragens, debate com os diretores dos filmes e apresentações musicais e de artistas de rua, a exemplo de Miró da Muribeca, que fez uma performance.

"Fazer a sessão na rua é uma forma de pensar o contexto. Ali, a cidade é uma atmosfera com a qual a tela se comunica e o tema conversa", comenta André Dib, um dos idealizadores do clube. Ele se refere a esse fenômeno como "cidade na tela, tela na cidade" - na sessão de "A Clave dos Pregões", de Pablo Nóbrega, os vendedores de fruta e catadores de papel se reconheceram na tela e pararam para assistir ao curta. "Uma das imagens mais simbólicas foi a de Miró



CINECLUBE CineRua promove sessões em locais como a frente do Teatro do Parque, fechado desde 2010

Saiba mais

CONEXÃO - Referências da Grécia Antiga, como os aedos homéricos, cantores que discursavam em versos e música, e da Idade Média, como os trovadores ou o jogral, mostram que a arte e a rua estão ligadas desde o nascimento. Mesmo depois que as artes se encaixaram nas transações de mercado, o surgimento de gêneros musicais como o jazz - criado por trabalhadores negros que tocavam seus instrumentos nas ruas depois do serviço - provam que a arte está nas formas mais corriqueiras de ocupar a cidade. "Os cantos e as chamadas dos vendedores de rua do Centro são formas de arte", considera André Dib.

agarrado às correntes que prendem a porta do teatro, enquanto declamava de maneira muito dolorida. A sessão na rua abre para o imprevisível", completa.

André Dib acredita no Centro do Recife como um lugar que concentra a arte urbana

e defende a reocupação dos espaços de convívio com a arte. "O Teatro do Parque não pode ser deteriorado até que o perdamos enquanto patrimônio. O abandono desses lugares tem uma função econômica lucrativa - é diferente sair da sala para a rua

e da sala para um bando de lojas. Eu vejo os cinemas de rua como espaços de interesse coletivo: independentemente do tipo de propriedade, o poder público pode interferir", explica. O próximo encontro está agendado para o dia 26 de janeiro. No final de 2015, o Ministério Público de Pernambuco abriu inquérito para apurar a reforma inacabada do prédio.

A disputa pelo acesso livre à arte também está no trabalho de Levi Costa, dançarino do bairro do Iburá que comanda, através do incentivo da Fundarpe, o projeto "Cidadania no Morro" em escolas de Três Carneiros. O projeto fornece palestras e oficinas de break dance, um dos elementos do hip hop. "Vi que a comunidade é ociosa por falta de cultura.

Essa iniciativa me permite aproveitar as escolas para fazer um trabalho coeso que possa agregar a juventude. Procuramos ir além da arte pela arte e discutir cidadania", conta Levi.

Além do projeto social, ele comanda o Step Evolution Crew, grupo de dança de rua que procura criar uma identidade local, incorporando elementos de danças populares, a exemplo do cavalo marinho, e se apresenta em eventos como a Mostra Brasileira e o Festival Internacional de Dança. "São os espaços onde mostramos o trabalho para outros artistas e lutamos pra vencer o preconceito. Apesar disso, a rua é onde surgiu o trabalho, onde o divulgamos e superamos as dificuldades. Permanecemos resistindo ali", explica.